

POR QUE LER ADORNO HOJE? UMA REFLEXÃO SOBRE A SEMIFORMAÇÃO INSTITUCIONALIZADA

Paulo Roxo Barja¹
Cláudia Regina Lemes²

Resumo: Em meados do século XX, Theodor Adorno criou o conceito de semiformação para questionar a falência da formação cultural e educacional então vigentes. Décadas depois, Adorno segue dissonante, enquanto a semiformação encontra-se institucionalizada. Este trabalho aponta a importância da leitura de Adorno para uma avaliação crítica das práticas correntes na formação educacional e cultural das pessoas.

Teoria crítica

O termo “Teoria Crítica” faz referência a um arcabouço teórico desenvolvido pela chamada Escola de Frankfurt, movimento criado no Instituto de Investigação Social da Universidade de Frankfurt. O movimento surgiu em 1923 e tem como ponto de partida os pressupostos marxistas, sobre os quais também tecem considerações e críticas, levando em conta o contexto histórico. A Teoria Crítica é também conhecida como Neomarxista.

A Teoria Crítica lançou-se na tarefa de demonstrar as coisas como são e para onde tendem a caminhar no desenvolver histórico, observando as possibilidades de realizações de uma sociedade livre e justa (dimensões emancipatórias) e levando também em conta os obstáculos para estas realizações. Segundo Nobre (2004), a Teoria Crítica tem como uma das suas mais importantes tarefas diagnosticar “o tempo presente, baseado nas tendências estruturais do modelo de organização social vigente, bem como em situações históricas concretas em que se mostram tanto as oportunidades e potencialidades para a emancipação quanto os obstáculos reais a ela” (NOBRE, 2004, p. 11).

Zuin *et al.* (2012) destacam que o processo formativo vem se afastando aos poucos de seus objetivos iniciais, que seriam sustentar a liberdade do homem e auxiliar na construção de uma sociedade progressivamente mais justa. Este desvanecimento dos fundamentos do processo formativo torna-se um dos principais obstáculos para a emancipação do homem. Na sociedade capitalista, as relações de produção determinam as hierarquias sociais. Como destaca Chauí (1980):

[...] o lado livre e espiritual do trabalho é o burguês que determina os fins, enquanto o lado mecânico e corpóreo do trabalho é o trabalhador, simples meios para os fins que lhes são estranhos. De um lado a liberdade. De outro a necessidade [...] (CHAUÍ, 1980, p. 16).

Tanto no período da produção acadêmica de Adorno quanto mais recentemente, é perceptível que a sociedade se constitui (cada vez mais) numa grande massa de seres humanos enredados no processo produtivo sob o comando e decisão de uma pequena parcela de líderes – os verdadeiros homens livres. Neste modelo de sociedade, o trabalhador torna-se alienado até mesmo de seu próprio corpo (RAMOS, 2004), oferecido como ferramenta de trabalho. A Teoria Crítica surge com o propósito de questionar este desenvolvimento histórico.

¹ Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: barja@univap.br.

² Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: claurlemes@gmail.com.

Adorno e a teoria crítica

Figura importante no campo filosófico do século XX, Theodor Adorno atuou no desenvolvimento intelectual que confrontou a filosofia com o campo da empiria, em especial a Teoria Social, a Crítica Literária, a Estética Musical e a Psicologia (ALMEIDA et al., 2011). A partir de seus estudos, Adorno concluiu que os problemas filosóficos devem ser observados a partir das ciências particulares e que a Filosofia depende destas ciências para sua formulação. Adorno debruçou-se sobre o trabalho e a pesquisa social para questionar a falência da formação cultural e educacional vigentes em meados do século XX.

O conceito de semiformação

Desenvolvido por Adorno a partir da Teoria Crítica, o conceito de semiformação refere-se ao processo de decadência e retrocesso das capacidades humanas promovido pela diluição da formação cultural. A semiformação impõe limites aos processos emancipatórios do homem em favor da lógica instrumental da razão, supervalorizada numa sociedade cada vez mais administrada pelo capitalismo e estruturada pela indústria cultural, que tende a formar pessoas fechadas em si mesmas, sem preocupação com o bem comum. Enredados no processo de expansão da semiformação, os indivíduos progressivamente tornam-se frágeis, passivos e dependentes do consumo dos chamados “bens culturais”.

Na Sociedade da Semiformação, o homem é levado inconscientemente a agir reproduzindo padrões impostos (pela Indústria Cultural, por exemplo), sufocando suas vontades próprias até que passa a acreditar que os padrões impostos representam sua própria vontade. Todo este processo inicia-se pela necessidade (também imposta culturalmente) de se inserir numa comunidade, passando a ser aceito pelo sistema que dita as regras. Isto implica em atitudes como ler o livro “que todos estão lendo”, ver o filme “que deu manchete no suplemento cultural do jornal” etc.

Quais as consequências disto para o indivíduo? De acordo com Adorno e Horkheimer, “só é indivíduo aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz-se substância de si mesmo, estabelece como norma a autopreservação e o desenvolvimento próprio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 52).

Ao abordar o problema da semiformação, Correia (2016) é categórico ao pontuar que o processo de semiformação gera a perda da identidade, reafirmando a importância da leitura de Adorno para qualificar um imprescindível olhar crítico a um sistema educacional que forma indivíduos prontos para uma submissão passiva aos processos competitivos do mercado (CORREIA, 2016).

Adorno afirmava que a Educação não seria necessariamente um fator de emancipação, colocando-nos diante do problema de questionar as finalidades e fundamentos que configuram os projetos educacionais atuais. O cidadão educado-alienado acaba atuando como difusor de uma estrutura social que se nutre de homens escravizados aos conteúdos culturais aprovados (e promovidos à exaustão pela mídia). Numa sociedade assim, preservar a interação social passa a ser mais importante do que manter uma opinião própria (que sempre corre o risco de ser ignorada e/ou isolada). Por sua vez, a predominância do comportamento de massa cria um clima que conduz a humanidade à barbárie. Uma vez institucionalizada, a educação que renega a (auto)reflexão orienta os jovens para a disciplina e a aceitação, num sistema “bola de neve” que serve para manter as condições de dominação. Neste contexto, é cada vez mais necessário trabalhar pela formação de pessoas capazes de questionar estas condições.

A situação atual

Segundo Seligmann-Silva, para Adorno a própria noção de “atualidade” tem a ver com “a capacidade de uma ideia ir ao encontro de seu presente de modo a possibilitar uma mudança” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 11); neste sentido, a Teoria Crítica não pode ser separada de uma prática emancipatória.

Décadas depois, as críticas de Adorno permanecem atuais, à medida que a semiformação encontra-se naturalizada nas instituições como prática tacitamente aceita pela grande maioria das pessoas. O acesso da população às informações e aos produtos da indústria cultural não implica no aprofundamento qualitativo da formação; muitas vezes ocorre justamente o contrário. Um exemplo: com a multiplicação das fontes de notícias na internet, é cada vez mais difícil efetuar a separação entre as notícias verdadeiras e as *fake news*.

Ainda no setor da comunicação e da produção cultural, a privatização dos mecanismos de controle da informação acaba por propagar uma ideologia que intensifica os efeitos deletérios da indústria cultural, reforçando uma estrutura de dominação que tem por base o “divórcio entre a vida ativa e a vida contemplativa” (GOMES, 2013, p. 123). Adorno critica esta separação, que considera artificial; lembremos que a Teoria Crítica tem como um de seus pilares a busca de emancipação, até mesmo como estratégia de manutenção e afirmação de individualidade. A esse respeito, Ramos (2004) alega:

As experiências “particulares” que o indivíduo muitas vezes tem do mundo e de sua própria existência já são previamente filtradas pelas malhas do entendimento que condiciona as possibilidades perceptivas e que é sutilmente imposto através dos mecanismos de socialização de massas. Aos poucos, a expropriação crescente dessas experiências abre a perspectiva de uma pseudo-individualidade (RAMOS, 2004, p. 60)

Quanto à educação institucionalizada e formatada nos moldes de uma semiformação, pode-se afirmar que o problema está presente em todos os níveis de ensino. Um exemplo é o ambiente universitário, no qual a exigência de produtividade é cada vez mais opressora para os docentes; isto propicia o surgimento do que podemos chamar de “mercado de (semi)formação” ou mesmo “indústria cultural acadêmica”.

Pelo exposto, consideramos que a leitura das obras de Adorno reveste-se de particular importância quando se busca um ponto de partida para a emancipação em relação ao mundo administrado pelo capitalismo. É importante ler Adorno hoje para que possamos ter consciência da semiformação, presente não apenas nas instituições de ensino, como também nos múltiplos canais de comunicação disponibilizados ao público.

Considerações

Na sociedade atual, chamada por muitos de “sociedade da informação”, a experiência da formação se esvazia para dar lugar ao conhecimento rápido, sem que haja tempo para a construção de sentidos para as vivências. Multiplicam-se as atividades, reduzindo-se, no entanto, a reflexão sobre o que se faz e o que se estuda. Com isto, a vida torna-se superficializada e destituída de real experiência. Neste contexto, a leitura de Adorno é importante principalmente por estimular um olhar crítico sobre a própria semiformação do leitor, sendo este o primeiro passo para a consciência dos processos alienantes a que estamos todos cotidianamente submetidos. Ler Adorno nos ajuda a identificar os problemas de um mundo que forma pessoas padronizadas para um modelo que precisa ser questionado. Sua

leitura, assim, adquire caráter de resistência contra os processos de padronização hoje vigentes, conscientizando-nos para a necessidade da emancipação.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ALMEIDA, Jorge; BARBOSA, Ricardo; DUARTE, Rodrigo; SAFATLE, Vladimir. Introdução à Coleção. In: ADORNO, T. *Introdução à Sociologia da Música: doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CORREIA, Fábio C. *Theodor Adorno e o Problema da (Semi)formação*. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/8_fabiocorreia.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GOMES, Luiz R. Theodor Adorno e os Fundamentos Políticos da Educação. In: ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. C. N.; GOMES, Luiz R. *Teoria Crítica e Formação Cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos*. Campinas: Autores Associados, 2012.

NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

RAMOS, Conrado. A Dominação do Corpo no Mundo Administrado: Uma Questão para a Psicologia Social. *Psicologia Ciência e Profissão*, n. 24 (1), p. 56-63, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A Atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. C. N.; GOMES, Luiz R. *Teoria Crítica e Formação Cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos*. Campinas: Autores Associados, 2012.